UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

MESTRADO EM ARQUITETURA

Área de Concentração: Preservação e Restauração do Patrimônio Cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

André Luiz Martins Jorge

MODERNIZAÇÃO EM BENS TOMBADOS

(atualização/adequação tecnológica em edifícios de museus)

Orientador: Margaret Lika Chokyu

Rio de Janeiro
julho de 1004

MODERNIZAÇÃO EM BENS TOMBADOS

(atualização/adequação tecnológica em edifícios de museus)

André Luiz Martins Jorge

Dissertação submetida ao Corpo Docente do Curso de Mestrado em Arquitetura, Área de Concentração – Preservação e Restauração do Patrimônio Cultural, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências em Arquitetura (M. Sc.)

Aprovada por:

_____

Margaret Lika Chokyu – Orientadora

_____

Carina Mendes dos Santos Melo

_____

Carla Maria Teixeira Coelho

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Julho de 2004

Ficha Catalográfica

Jorge, André Luiz Martins

Modernização em Bens Tombados (atualização/adequação tecnológica em edifícios de museus). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2004

iii, 31p.; il.

Dissertação (Mestrado – Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Arquitetura 2. Museu 3. Modernização 4. Adequação 5. Museologia 6. Dissertação

I.Título

Resumo

Este trabalho pretende mostrar que edificações antigas, que retratam questões do passado e estimulam discussões acerca de temas relevantes para a sociedade como um todo, podem oferecer uma estrutura moderna e atrativa para o público em geral.

Neste contexto, busca-se apresentar os projetos de adequação realizado pelos Museus que permitiram com que estes sobrevivessem até os dias atuais. Tais projetos serão abordados ressaltando-se as soluções que foram adotadas pelos Museus sem prejuízo de sua finalidade principal.

Tornar estes espaços mais atrativos aos visitantes é uma razão para que sejam realizadas adaptações, cuja finalidade é oferecer melhores condições de conforto e acesso ao patrimônio cultural, proporcionadas por projetos de intervenções especialmente voltadas para esse fim. Como conseqüência o turismo poderá ser estimulado, e seus efeitos sentidos sobre a economia nacional.

Sumário

Apresentação/Introdução

1- Museus
2- Modernização / Adequação
3- Sustentabilidade e Turismo
4- Estudos de Caso
    4.1- Museu Imperial de Petrópolis
        A) Histórico
        B) Projeto
        C) Tecnologias
        D) Benefícios
    4.2- Museu Nacional de Belas Artes
        A) Histórico
        B) Projeto
        C) Tecnologias
        D) Benefícios
    4.3- Museu Nacional
        A) Histórico
        B) Projeto
        C) Tecnologias
        D) Benefícios
    4.4- Museu Histórico Nacional
        A) Histórico
        B) Projeto
        C) Tecnologias
        D) Benefícios
5- Conclusão

APRESENTAÇÃO/INTRODUÇÃO

Até o princípio do século XX, durante a longa história da humanidade, nenhuma cultura tinha o menor problema em ir remodelando seus grandes monumentos. Alberti remodelou um templo romano. Paládio interveio em uma basílica etc. Cada período histórico reutilizou grandes monumentos e as culturas orientais continuam fazendo isso. Não existe, para elas, nenhuma valorização, como temos agora, do monumento como algo singular. Na história da humanidade sempre se reutilizou, se refez; um templo maia era destruído e construía-se outro em cima. Existia uma relação, primeiro inconsciente, com a história e, a partir do século XIX, consciente, pela qual se vai acumulando e intervindo naturalmente sobre o patrimônio.

Depois das vanguardas e do movimento moderno, nossa capacidade de nos relacionarmos com a história mudou. Em determinado ponto surgiu uma atitude, que tem raízes no romantismo, mas que nunca antes tivera um papel tão forte, que é a de conservar, o patrimonialismo, o purismo de não modificar nada. Nenhuma cultura havia sentido a obsessão por embalsamar os monumentos. Esse é um aspecto da nossa cultura, é a maneira como nos relacionamos com o passado. E é a nossa complexidade. Porque há um risco em nossa forma de agir. As outras culturas atuavam de uma maneira talvez mais ingênua, se apoiavam na tradição, não existe o gênio, não existem as vanguardas. A academia e os costumes ditavam a maneira como os monumentos eram refeitos.

Na medida que o reconhecimento da necessidade de preservação cresce e se difunde, com a “conscientização gradativa da sociedade” (Zein, 2001) surgem duas visões diferentes de preservação, a primeira tendendo a cristalização do bem, transformando-o em casa de cultura e a segunda buscando a revitalização do imóvel, o que passa por adequá-lo a novas funções e usos.

Um edifício, para permanecer vivo deve ter um uso, diverso ou não para o qual foi concebido, pois é através deste que sua perpetuação é possível. As ações de restauração, mais traumáticas, e de conservação, menos, são essenciais para garantir esta sobrevivência

e devem sempre atentar para qual público devem ser realizada tais ações, de modo a garantir sua auto-suficiência.

A conservação e restauração de bens artísticos e arquitetônicos, assim como dependem de uma base teórica bem fundamentada para buscar a integridade do patrimônio, dependem também da aplicação de métodos e técnicas de restauro pertinentes, que respeitem o caráter e a tipologia do imóvel.

Uma idéia de projeto, não só arquitetônico, mas arqueológico e histórico, que é buscar entender a história do edifício, seu sentido e significado, e, posteriormente, atuar partindo de nossa condição contemporânea. Se entendemos a fundo um edifício, é possível interferir nele.

Intervir em um edifício histórico é um dado que também varia, porque não é a mesma coisa se o edifício é uma fábrica, uma arquitetura mais anônima que poderemos transformar muito, ou se é um monumento muito mitificado ou carregado de sentido histórico. Em qualquer desses casos, vamos relacionar o projeto com algo que já existe. Esse é um tipo de projeto que os arquitetos sabem que é muito condicionado, mas também muito estimulante, quando existe certa liberdade criativa.

A arquitetura histórica e patrimonial tem a grande vantagem de já começar com memória. Uma memória que, se soubermos nos relacionar com ela, sem medo e sem menosprezá-la, com cuidado, trabalhará a nosso favor. E vamos ter museus mais valorizados, muito mais interessantes, abrigados em paredes decoradas que têm história e em espaços onde sucederam fatos. Esse é um aspecto da intervenção em edifícios antigos totalmente positivo e que pode aguçar a criatividade.

Um dos problemas cruciais da preservação, hoje em dia, é o desenvolvimento de diretrizes, tecnologias e instrumentos para diminuir os riscos oriundos da exibição pública a níveis mínimos aceitáveis.

Outro problema é o de como seria esse projeto de museu – o instrumento da arquitetura é o projeto. Com ele, podemos resolver contradições quase insolúveis. Nós, arquitetos,

sabemos como é complexo atender ao lugar, ao programa, às condições de segurança, técnicas, de comunicação, funcionais etc. O projeto deve ser um mediador entre essas instâncias, e uma das mediações essenciais do projeto arquitetônico é abordar esse conflito, que é o ponto central de nossa pós-modernidade: nossa relação com a memória.

O tema central, dos projetos de adaptação dos Museus, é o da acessibilidade ao prédio, com todos os aspectos relacionados a ela: representatividade, segurança, pessoas portadoras de deficiências. E é praticamente impossível conservar a acessibilidade de edifícios públicos históricos, cumprindo todas as condições que exige um museu contemporâneo com visitação em massa. Assim, há uma série de limites e de contradições na adaptação de edifícios patrimoniais à função de museu.

Além disso, a relação do espaço expositivo com o que não se vê mudou radicalmente. Antes, das dez partes de um museu, nove eram destinadas à exposição. Num museu do século XIX, tudo era exposto, restando praticamente o escritório do diretor que não estava à mostra. Hoje em dia, a realidade é outra. O que se vê representa um terço da área do museu, e dois terços não se vêem, área que é ocupada por anexos, setor de conservação, oficinas, direção, salas didáticas, salas de eventos. Diante dessa situação, se conservamos um edifício histórico, será necessário construir muitos anexos para conservarmos a área de exposição.

Para abordar as questões apontadas como relevantes no que se refere aos projetos de adaptação dos Museus, concentraremos nossa atenção nos museus nacionais: Museu Imperial (Petrópolis), Museu Nacional, Museu Nacional de Belas Artes e Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro).

TEMA:

Os avanços nos campos tecnológico, científico e comportamental dos últimos anos alteraram de forma considerável a forma de viver do homem e a sua visão do mundo. É impossível ignorar os efeitos que a chamada globalização exerceu sobre a vida humana.

Um dos efeitos proporcionado foi o aumento do dilema entre manutenção da identidade nacional e modernização. Nesse contexto, um dos ambientes, que retrata a identidade nacional, vem sendo grandemente afetado – os museus.

Estaremos utilizando a definição de Museu concebida na década de 70 pelo ICOM, segundo a qual "*os museus são instituições permanentes, não visando ao lucro, postas ao serviço das sociedades, abertas ao público, que adquirem, conservam, pesquisam, comunicam e exibem, para fins de estudo, educação e divertimento, evidências materiais dos povos e de seu meio ambiente...*".

Os museus, através dos eventos por eles veiculados levam à tona questões relativas à atualidade recorrendo ao passado. Isso se torna possível mediante exposições de objetos e fatos do passado, que permitem com que o público em geral tenha acesso a modos de vida anteriores e, inevitavelmente, realize comparações com os dias atuais.

Defendemos o ponto de vista de que a forma mais eficaz de se proteger e conservar os valores culturais de uma nação – representados pelos museus nesse trabalho – é a sua integração na sociedade contemporânea. Sendo assim, é necessário que se ofereça ao patrimônio cultural a sua sustentabilidade, de acordo com as ideologias da vida presente. A sustentabilidade pode ser entendida como a sobrevivência do patrimônio cultural de acordo com a sua finalidade principal, mantendo contudo uma estrutura atrativa e confortável para os seus visitantes.

Nesse sentido, a dissertação pretenderá apresentar os projetos de intervenção e/ou restauração realizados pelos Museus, que visam a uma melhor acessibilidade e a um maior conforto para o público.

PROBLEMA

A finalidade a que se propõe os Museus somente pode ser atingida com o comparecimento do público, com a discussão de temas relevantes, com o conhecimento de fatos do passado que certamente têm influência em nossas vidas. O acesso do público aos Museus, por sua vez, requer a oferta de uma boa estrutura, viabilizada por atividades de conservação e de manutenção.

O objetivo é que os visitantes sejam atraídos por melhores condições de conforto e acesso ao patrimônio cultural, proporcionadas por projetos de intervenções e restaurações especialmente voltadas para esse fim. Como conseqüência o turismo poderá ser estimulado, e seus efeitos sentidos sobre a economia nacional.

Constituindo bens tombados, os museus não podem ser destruídos, demolidos, mutilados, reparados, pintados ou restaurados, sem prévia autorização da autoridade pública competente que determinou sua preservação. Tais normas legais constituem, simultaneamente, uma limitação à modernização, e uma garantia de que a memória da nação será mantida. A limitação à modernização ocorre na medida em que a autoridade pública competente impõe limites às reformas pretendidas, o que faz com que haja necessidade de reformulação do projeto proposto.

Dessa forma, a questão consiste em encontrar quais as formas que poderão ser utilizadas para modernizar os Museus, sem prejudicar a preservação de suas obras e a sua memória histórica.

Para encontrar tais respostas, concentraremos nossa atenção nos seguintes Museus: Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Museu Nacional de História (Rio de Janeiro), Museu Nacional de Belas artes (Rio de Janeiro), Solar do Jambeiro (Niterói) e Museu Imperial (Petrópolis).

OBJETIVOS

Essa pesquisa pretende mostrar, com base no levantamento dos projetos de adaptação propostos por cada instituição em estudo, que edificações antigas, que retratam questões do passado e estimulam discussões acerca de temas relevantes para a sociedade como um todo, podem oferecer uma estrutura moderna e atrativa para o público em geral.

Nesse contexto, buscaremos mostrar os tipos, padrões ou formas já utilizadas pelos Museus que permitiram com que sobrevivessem até os dias atuais. Além disso, pesquisaremos novas técnicas e soluções que poderiam ser adotadas pelos Museus sem prejuízo de sua finalidade principal.

O objetivo geral deste trabalho consiste em contribuir para uma discussão mais aprofundadada no que se refere à sustentabilidade dos Museus enquanto patrimônio cultural, ressaltando as dificuldades enfrentadas por essas instituições em adaptar suas instalações, mantendo a fidelidade ao seu objetivo principal.

Esta pesquisa pretende promover uma maior integração entre disciplinas, na medida em que envolverá as disciplinas de conforto ambiental, patologia da construção, instalações e museologia. Para a arquitetura, essa pesquisa objetiva contribuir na divulgação de novas alternativas de modernização de espaços integrantes do patrimônio cultural.

JUSTIFICATIVA

O interesse inicial pelo tema dessa pesquisa nasceu com a minha participação no projeto de modernização do Museu Histórico Nacional. Esse projeto visa melhorar a acessibilidade do novo circuito de exposições, e ampliar as áreas destinadas às mesmas.

Nesse processo, pude observar as dificuldades encontradas pelo Museu para elaborar um projeto que atendesse, simultaneamente, às suas necessidades de modernização e à manutenção de sua identidade como patrimônio cultural a ser preservado.

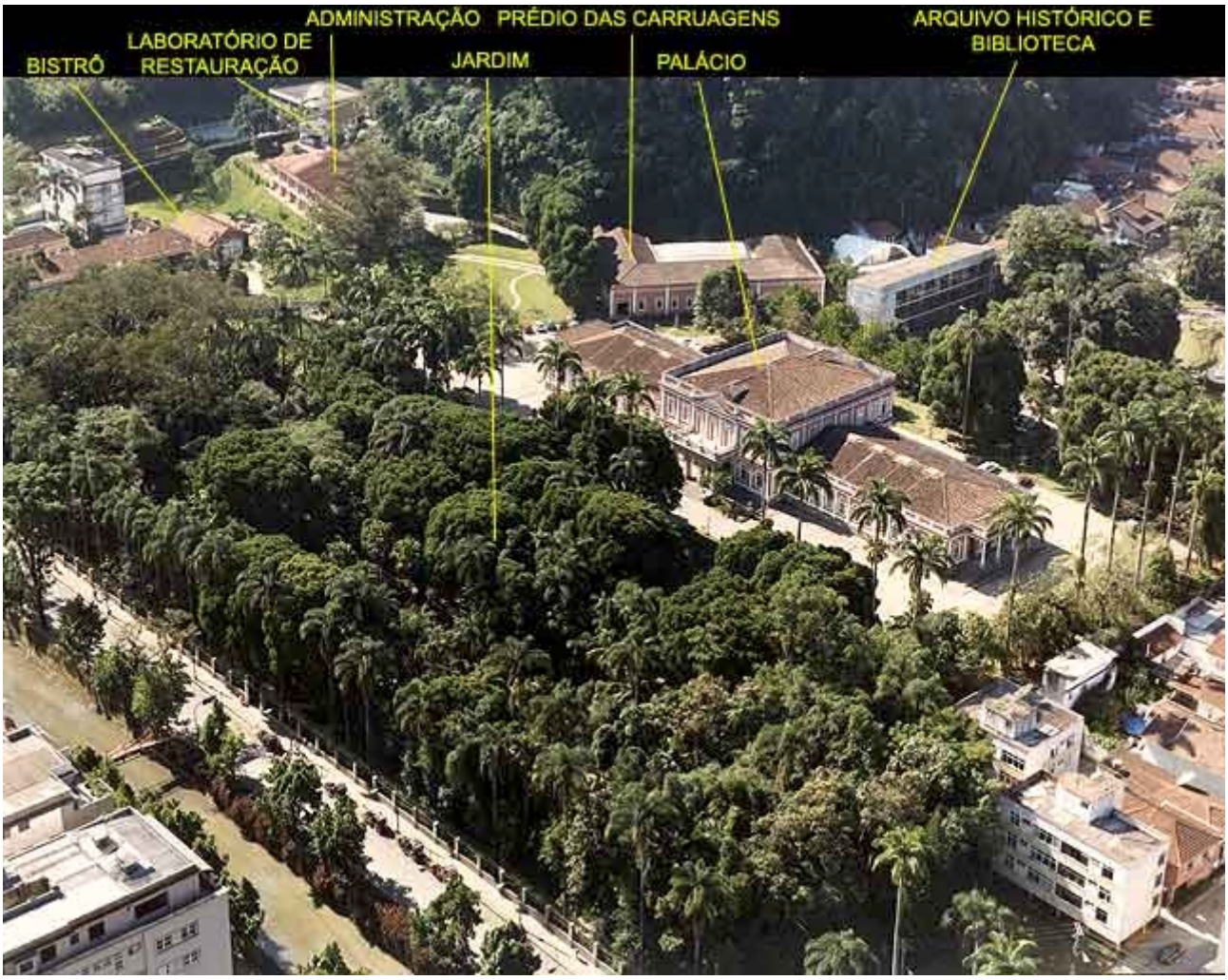
METODOLOGIA

Para atingir o objetivo a que essa pesquisa se propõe, utilizaremos principalmente de levantamentos históricos e do projeto atual de adequação nos próprios Museus. A intenção é levantar as dificuldades enfrentadas ao longo de suas existências, do ponto de vista de sua estrutura, e as soluções que foram criativamente encontradas. Tal levantamento poderá utilizar-se, inclusive, de entrevistas com o arquiteto responsável pelas intervenções e/ou restaurações realizadas, ou a serem realizadas.

Adicionalmente, buscaremos material suplementar nas bibliotecas dos Museus, no Arquivo Nacional e no Arquivo Geral da Cidade. Plantas e material fotográfico serão obtidos com o intuito de retratar os Museus antes e após as intervenções e/ou restaurações realizadas.

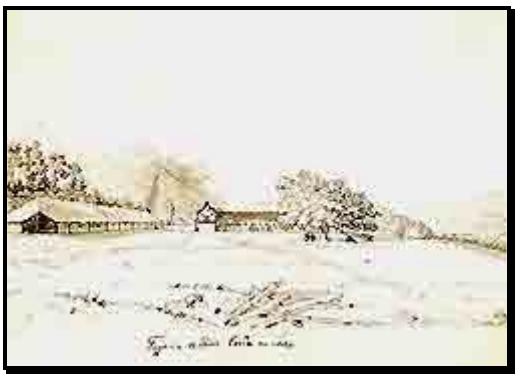
Com base nos levantamentos feitos nos Museus, serão feitas entrevistas com profissionais especializados, para aprofundar estudos teóricos e práticos sobre os motivos e resultados das intervenções realizadas.

4.1 - Museu Imperial de Petrópolis



Um Pouco de História...

Em 1822, D. Pedro I, viajando em direção à Vila Rica, Minas Gerais, para buscar apoio ao movimento da nossa Independência, encantou-se com a Mata Atlântica e o clima ameno da região serrana. Hospedou-se na Fazenda do Padre Correia e chegou a fazer uma oferta para comprá-la. Diante da recusa da proprietária, D. Pedro resolveu comprar, por 20 contos de réis, a Fazenda do Córrego Seco, pensando em transformá-la um dia no Palácio da Concórdia.



Fazenda do Padre Correia - atribuída a Friederich Sellow

A crise política sucessória em Portugal e a insatisfação interna foram determinantes para o seu regresso à terra natal, onde ele viria a morrer sem voltar ao Brasil.

A Fazenda do Córrego Seco foi deixada como herança para seu filho, D. Pedro II, que nela construiria sua residência favorita de verão. A construção do belo prédio neoclássico, onde funciona atualmente o MUSEU IMPERIAL, teve início em 1845, e foi concluída em 1862.

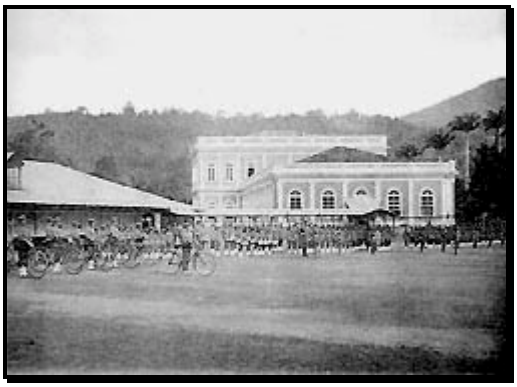
Para dar início à construção, D. Pedro II assinou um decreto em 16 de março de 1843, criando Petrópolis. Uma grande leva de imigrantes europeus, principalmente alemães, sob o comando do engenheiro Júlio Frederico Koeler, foi incumbida de levantar a cidade, construir o Palácio e colonizar a região. A planta e o projeto original, de autoria do engenheiro, e completados em estilo neoclássico, pelos arquitetos José Maria Jacinto Rebelo e Joaquim Cândido Guillobel.

D. Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina nos jardins do Palácio

Criação do Museu Imperial

Com a Proclamação da República, em 1889, a Princesa Isabel alugou o Palácio para o Colégio Notre Dame de Sion. Mais tarde, foi a vez do Colégio São Vicente de Paula ocupara o prédio.

Colégio Notre Dame de Sion, com uma capela ao lado do prédio do antigo Palácio.



Colégio São Vicente de Paula.

Comprado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, o antigo palácio foi transferido para o Patrimônio da União, possibilitando a criação do Museu Imperial, em 1940, de acordo com o Decreto-Lei nº 1096, de 29 de março daquele ano.

Entre seus alunos, havia um apaixonado por História: Alcindo de Azevedo Sodré. Graças à ele, que sonhava acordado nas noites silenciosas, com a transformação do seu colégio em um Museu Histórico, o presidente Getúlio Vargas criou em 16 de março de 1943, o MUSEU IMPERIAL.

Alcindo de Azevedo Sodré foi o primeiro dos cinco diretores que passaram pelo MUSEU IMPERIAL. Atualmente, encontra-se à frente da instituição, desde 1990, a museóloga **Maria de Lourdes Parreiras Horta**.

O acervo do Museu Imperial, formado pela transferência de coleções de outros órgãos culturais, além de compras e doações, reúne 7866 objetos representativos da cultura nacional e estrangeira do século XIX, entre numismática, armaria, heráldica, porcelanas e

cristais, ourivesaria, viaturas, mobiliário, prataria, indumentária, objetos musicais, esculturas e pinturas.

Dentre as peças únicas, destacam-se o cofre em porcelana de Sèvres e bronze da Princesa de Joinville e os objetos-símbolos da Monarquia Brasileira, como a coroa imperial de D. Pedro I, a coroa e os trajes majestáticos de D. Pedro II e o cetro dos dois imperadores.

O Arquivo Histórico tem sido uma valiosa fonte de estudo do período monárquico brasileiro para pesquisadores e historiadores do país, com um acervo que compreende cerca de 100 mil documentos. Nele encontram-se importantes coleções iconográficas, bem como o *Arquivo da Casa Imperial do Brasil*, doado pelo Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, em 1948.

A Biblioteca, especializada em História, principalmente do Brasil no tempo Império, conta com 40 mil volumes. Dentre suas 3500 obras raras, estão edições originais de Debret, Rugendas, Saint-Hilaire, John Mawe, Henry Koster, Maria Graham e Victor Frond.

Desde a sua criação, o Museu Imperial tem a finalidade de preservar e expor o patrimônio cultural do período da Monarquia Brasileira, e também de mostrar a formação histórica do Estado do Rio de Janeiro, especialmente da cidade de Petrópolis. Por intermédio de estudos e pesquisas, o Museu tem promovido cursos e seminários, exposições e outras atividades de caráter educativo e cultural.

Ao longo de seus 51 anos de atividades ininterruptas, a estrutura original do Museus Imperial passou por várias transformações, adaptando-se e modernizando-se, para atender às necessidades da sociedade e do processo cultural brasileiro, acompanhando as transformações e a ampliação do conceito de "museu", e da própria museologia, que estão na base de seu trabalho atual.

Desde 1991, o Museu Imperial conta com o apoio de uma *Sociedade de Amigos*, criada para estimular o desenvolvimento de sua missão institucional.

Que tal voltar 150 anos no tempo para ser parte da corte de D. Pedro II?

Quem nunca pensou em voltar no tempo? Pois, desde o dia 29 de novembro de 2002, o **Som e Luz**, em Petrópolis, oferece esta oportunidade ao reviver alguns dos mais importantes momentos do Segundo Reinado no Brasil.

A viagem começa no dia do baile das princesas, quando as irmãs Isabel (Mika Lins) e Leopoldina são apresentadas a seus futuros maridos: o conde d'Eu e o duque de Saxe. Toda a corte está subindo a serra para comparecer ao evento. Você vai ouvir o cocheiro convidá-lo para embarcar na carruagem que leva os convidados para o palácio imperial. Seus acompanhantes são ninguém menos do que do marquês de Caxias – futuro duque de Caxias, interpretado por Cláudio Mamberti, num de seus últimos papéis – e o barão do Bom Retiro (Sérgio Mamberti) – amigo pessoal de D. Pedro II.

Enquanto a narração em off – na voz de Paulo Autran – guia você pelo jardim do atual Museu (simulando o trajeto de subida da serra), a iluminação cenográfica complementa a magia do espetáculo. De frente para a fachada do prédio, uma das principais surpresas do show: o palácio está iluminado e pronto para a festa, como há 150 anos. Inclusive, é possível ver, através das janelas, as silhuetas de D. Pedro II (Odilon Wagner foi o ator convidado para interpretar o personagem) e seus convidados. Estão todos lá: a família imperial e a corte brasileira.

O show, que tem o roteiro assinado por Pedro Corrêa do Lago e Isabel Lustosa, ainda reserva espaço para contar sobre a Guerra do Paraguai, a proclamação da Lei Áurea e termina com a chegada da República. Em 38 minutos, a noite de Petrópolis vai ser iluminada pelos efeitos especiais que permitem oferecer uma das mais inesquecíveis e emocionantes aulas de história brasileira.

Além disso, um filme em 35 milímetros é projetado numa cortina d'água e retrata momentos como a Guerra do Paraguai, a abolição da escravatura e a proclamação da República, sob a ótica de D. Pedro II.

Para viabilizar o show, os organizadores tiveram que driblar dois grandes obstáculos: adaptar três toneladas de modernos equipamentos a um monumento histórico tombado pelo IPHAN, e proporcionar conforto e lazer sem desperdício de energia. Todo o equipamento é controlado por um sistema de dimmers, que permite que seja consumida apenas a energia necessária para o funcionamento de cada aparelho ou lâmpada. Também foi preciso enterrar 41 quilômetros de fiação. Além disso, 480 spots e refletores foram espalhados pelo jardim do Museu: eles são responsáveis pela iluminação cenográfica e foram pintados de verde para não se destacarem entre a vegetação.

A cortina d'água de 6m de altura, é uma tecnologia importada da Espanha. Para aproveitar a água utilizada, ela dispõe de uma espécie de piscina que mede 2x19m. Como todo o resto do equipamento, a estrutura foi camuflada entre a vegetação, para evitar qualquer interferência que comprometesse as características da arquitetura original.

O Espetáculo.

O **Som e Luz** é um show permanente, oferecido de quinta a sábado, no Museu Imperial. As quartas-feiras são reservadas para a escolas, que vão contar com atendimento especial e material informativo para complementar os temas abordados durante o show. O projeto traz para o Brasil uma versão que explora recursos tecnológicos ainda mais avançados do que os utilizados nas edições que são apresentadas em locais como o Palácio de Versailles, em Paris, e as pirâmides do Egito.

Em Petrópolis, além da cortina d'água – tecnologia espanhola –, a própria fachada do Museu Imperial, residência preferida de D. Pedro II, vira palco para o espetáculo.

4.2 - Museu Nacional de Belas Artes

O **Museu Nacional de Belas Artes** foi criado pela lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, e sua inauguração se deu no dia 19 de agosto de 1938, com a presença do então presidente Getúlio Vargas. A nova instituição instalou-se desde a sua criação no edifício da Escola Nacional de Belas Artes, na Avenida Rio Branco, 199. O arquiteto autor do projeto foi um dos mestres da Escola, Adolfo Morales de Los Rios (1858-1928). O edifício foi elaborado no estilo fin-de-siècle e lembra certos palácios renascentistas franceses (influência do Louvre de Paris, por exemplo), além de apresentar características formais neoclássicas.

O acervo do museu teve origem na pequena coleção de quadros trazidos ao Brasil por Joachim Lebreton (1760-1819), chefe da Missão Artística Francesa, que aqui chegou em 1816.

Entre pinturas, esculturas, arte sobre papel e mobiliário, o acervo do MNBA conta cerca de 15 mil peças, sendo a instituição do Brasil que possui a maior e melhor coleção de arte brasileira do século XIX. Percorrendo o Museu, o visitante vai poder vislumbrar a história completa das artes plásticas no Brasil, desde os seus primórdios até a fase contemporânea.

Todos os grandes artistas nacionais do século passado estão presentes em suas galerias: Vitor Meirelles, Pedro Américo, Almeida Júnior, Rodolfo Amoedo, Zeferino da Costa, Rodolfo Bernardelli, Eliseu Visconti etc.

O Museu possui ainda uma magnífica coleção estrangeira, onde despontam conjuntos notáveis como a coleção de 20 paisagens do pintor pré-impressionista francês Louis-Eugène Boudin (1824-1898), doadas na década de vinte pela baronesa de São Joaquim; as oito magníficas paisagens de Pernambuco do grande pintor holandês do século XVII, Frans Post; além dos inúmeros quadros de mestres italianos e franceses dos séculos XVII, XVIII e XIX, tais como Gianbattiste Gaulli, Il Baciccia, Giovanni Battista Tiepolo, Francesco Guardi, Nicolas Antoine Taunay, Jean Baptiste Debret, entre outros.

O acervo é completado por uma vasta e importante coleção de gravuras e desenhos nacionais e estrangeiros: Annibale Carracci (1560-1609), Honorè Daumieri (1808-1879), Jacques Callot (1590-1635), William Turner (1775-1851), Pablo Picasso (1881-1973), são alguns dos artistas representados.

Como não poderia deixar de ser, os nomes mais expressivos do panorama brasileiro das artes plásticas do século XX também fazem parte do acervo do MNBA. Portinari, Djanira, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Goeldi, Cícero Dias, Segall, Amílcar de Castro, Iberê Camargo, Rubens Gerchman, Jorge Guinle Filho, e Waltércio Caldas, entre muitos outros.

Galeria Nacional do Século XIX

Com 2.000 metros de área e 8 metros de pé direito, este espaço superlativo é conhecido por abrigar o maior e mais precioso acervo artístico dos séculos XVII, XVIII e XIX no Brasil, em exposição permanente. Dentre as importantes peças que integram esta galeria, estão os chamados quadros monumentais: Batalha do Avaí (1872, autoria de Pedro Américo) e Batalha dos Guararapes (1879, autoria de Vitor Meirelles), com 50 metros de área cada um.

As obras estão incluídas entre as quatro maiores pinturas de cavalete do mundo.

Na Galeria Nacional do Século XIX estão cerca de 200 trabalhos, entre pinturas e esculturas, através das quais se traça um verdadeiro roteiro histórico da produção artística brasileira, desde o seu início até o século XIX. As peças têm assinatura, entre outros, de Jean Baptiste Debret, Nicolas Antoine Taunay, Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo, Castagneto, Parreiras e Rodolfo Bernardelli.

No andar térreo, além do pátio interno com jardins de Burle Marx e um grande painel de azulejos de Djanira, encontra-se a Galeria Mario Pedrosa, onde estão expostas as matrizes da arte feita no Brasil: arte indígena pré-cabralina, africana, popular, de imagens do inconsciente e exemplares de arte européia. Ao lado, uma galeria especial exibe peças de arqueologia clássica.

No segundo andar, poder-se-á ver as obras da coleção de pintura italiana barroca, flamengo-holandesa, as salas Boudin e Taunay, uma seleção de pintores que passaram pelo Brasil no século XIX, além de espaços para exposições temporárias, onde se destaca a sala Bernardelli.

O terceiro andar concentra a maior parte do acervo do MNBA. Dividindo este piso com a galeria do Séc. XIX está a Galeria Nacional do Séc. XX, que abriga a coleção de arte moderna feita no Brasil . Acima desta, no quarto pavimento, a Galeria do Séc. XXI expõe obras de arte contemporânea.

Biblioteca / Midiateca Araújo Porto Alegre

A biblioteca do MNBA iniciou suas atividades em 1937. Atualmente, conta com um rico acervo bibliográfico, audiovisual e documental, mantendo intercâmbio de correspondência e publicações com algumas das instituições mais importantes do Brasil e do exterior, incluindo galerias de arte e museus regionais.

Entre as cerca de 13.000 publicações nacionais e estrangeiras do acervo, encontram-se livros de Artes Plásticas e de assuntos como Arquitetura, Museologia, Numismática, História do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro, e biografias de diversos artistas. Além de obras de referências, catálogos de exposições e recortes de jornais. O acervo audiovisual é composto por cerca de 12.000 slides, 50 vídeos e ainda cerca de 500 fitas cassetes, com gravações de palestras, depoimentos etc. Toda a documentação textual e fotográfica que registra a história do MNBA, a partir da Academia Imperial de Belas Artes até a criação do Museu, está reunida no acervo documental da Biblioteca Araújo Porto Alegre.
O nome da biblioteca é uma homenagem que o Museu presta ao pintor, cenógrafo, arquiteto, caricaturista, poeta e diplomata, pioneiro dos estudos de história e crítica de arte no Brasil, Manuel de Araújo Porto Alegre.

A biblioteca do MNBA oferece ao público serviços de consulta no local; orientação e pesquisa; levantamento de informação bibliográfica; empréstimo de slides e fitas de vídeo; e reprodução de publicações (restrita à brochuras).

4.3 - Museu Nacional

A Instituição

E no dia 6 de junho de 1818 D. João VI criava o Museu Real no Rio de Janeiro.

Inicialmente sediado no Campo de Sant'Ana, o Museu Real foi transferido para a Quinta da Boa Vista em 1892. Mais tarde, em 1922, o Museu Real passou a se chamar Museu Nacional. Foi incorporado à Universidade do Brasil, como Instituição Nacional, pelo Decreto-Lei 8.689, de 16 de janeiro de 1946. Atualmente integra o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Revitalização das Coleções Científicas

Encontram-se em curso diversas iniciativas visando a conservação, recuperação e informatização das preciosas coleções científicas do Museu, que montam no momento a cerca de 9 milhões de itens.

Como resultado de constantes pressões do Museu (e das instituições congêneres), o CNPq vem finalmente se dispondo a organizar uma política mais específica de apoio a coleções científicas. O Museu já abrigou, inclusive, o encontro de um grupo de trabalho constituído para examinar a questão na área da Botânica.

Os recursos da FAPERJ e da Vitae recentemente assegurados serão fundamentais para o desencadeamento desse trabalho. A abertura do edital da FAPERJ de apoio a projetos temáticos, com previsão mais específica de apoio à preservação de acervos, merecerá também a apresentação de projetos do Museu.

O Museu também se prepara para se beneficiar de um apoio parlamentar regular. Com uma visita pessoal no início do ano, o Deputado Fernando Gabeira se comprometeu a apresentar emenda orçamentária neste ano em favor de uma verba vultosa para a recuperação do Herbário do Museu (coleções de Botânica).

O Museu Nacional teve um excelente desempenho nos recentes resultados do Edital do Programa de Apoio à Infra Estrutura de Pesquisa (PAI) da FAPERJ, com a obtenção de R$ 211.000,00 de suporte a três projetos, um dos quais inteiramente voltado para as coleções. O Museu Nacional recebeu recentemente a visita da fundação Vitae, para acompanhamento dos dois projetos já financiados por aquela entidade (o da instalação do Laboratório de Conservação, Preservação e Restauração de Coleções - já inaugurado, com recursos de R$ 50.000,00 - e o do Programa de Conservação das Obras Raras da Biblioteca - em implantação, com recursos de R$ 100.000,00) e para a discussão do apoio técnico e financeiro para os três projetos pré-selecionados no edital de 2000 (coleções de Botânica, Geologia e Paleontologia; e restauração da coleção arqueológica da Imperatriz Teresa Cristina).

Aguarda-se a abertura do Edital da Sociedade da Informação que deverá prever dotações para a consolidação das redes de informação de instituições culturais, para pleitear as condições técnicas gerais indispensáveis à consolidação dos projetos de informatização das coleções. Nesse sentido realizou-se no Museu em 2000 um primeiro seminário técnico para o delineamento dos desafios envolvidos nesse ambicioso projeto.

2. Projeto Expansão Física do Museu

O Museu Nacional não pode prescindir de uma extensa renovação de seus espaços físicos. Desde 1996, definiu-se a instituição pela expansão externa ao Palácio de São Cristóvão, que deverá ser dedicado inteiramente às exposições e seus serviços técnicos específicos.

O projeto encomendado ao Arquiteto Glauco Campelo, com recursos da Petrobrás, de construção dos novos anexos acadêmicos do Museu numa área contígua à da sua Biblioteca, no Horto Botânico, vem sendo negociado com os setores técnicos do IPHAN, com perspectivas bem favoráveis. A Prefeitura da Cidade já está igualmente estudando a cessão do uso de uma área de 1.700 m2 da Quinta da Boa Vista, ora ocupada pela COMLURB, atrás da Biblioteca, para suporte de parte das novas construções.

A Comissão de Espaço e o Grupo de Obras do Museu estão trabalhando na especificação das características internas dos novos prédios projetados.

Uma outra frente de expansão é a da ocupação pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu de parte do prédio da Universidade situado na Avenida Rui Barbosa. O projeto de recuperação do prédio foi registrado no PRONAC/MINC a partir de 2000 e obteve recursos da ordem de R$ 1.500.000,00 da Eletrobrás para o início das obras (orçadas em cerca de 9 milhões de reais). A FUJB, gestora do projeto, contribuirá com R$ 500.000,00 e a UFRJ procura junto ao MEC recursos suplementares (inclusive para repor os R$1.000.000,00 dedicados pela CAPES à instalação do PPGAS/DA naquele prédio em 1996 e utilizados na época para outros fins pela Universidade).

Deu-se início também recentemente à organização de um projeto de expansão suplementar do Museu numa área subterrânea a ser obtida nos fundos do Palácio, para abrigar um cinema para projeções científicas gigantes (E-Max) e um estacionamento pago (Projeto Super Tela).

3. Projeto Recuperação do Palácio de São Cristóvão

Continuam em curso as obras de infra-estrutura de recuperação do Palácio sede do Museu, financiadas com recursos de incentivo fiscal desde 1997. A obra do telhado têm sofrido com sucessivos problemas do IPHAN, das empresas contratadas, do sistema PRONAC/MINC e da própria Petrobrás, mas foi recentemente retomada, com término previsto para ainda este ano.

Os seis salões recuperados com os recursos recebidos da Presidência da República em 1999, através do MEC, estão sendo inaugurados por ocasião do 183º aniversário do Museu. Num deles encontra-se remontado o Auditório do Museu e no outro haverá a continuação do programa de exposições temporárias. A mesma verba serviu para a instalação do novo sistema de pára-raios, que oferece finalmente uma completa proteção eletromagnética para o prédio.

Espera-se que, pela mesma época, possa ser anunciado o término dos serviços de descupinização e de instalação do sistema de detecção de fumaça e fogo. Recursos da UFRJ estão assegurados para a próxima instalação de um sistema de câmeras de vigilância no circuito da exposição e para a reforma dos dois elevadores ainda não revistos no Palácio. Outros recursos novos encontram-se vinculados à instalação do novo Sistema Telefônico pela Prefeitura da Universidade, garantindo um serviço bem mais amplo e eficiente do que o atual.

4. Projeto Integração da Pesquisa em Ciências Naturais e Antropologia

O Museu apresentou ao Edital dos Institutos do Milênio / MCT uma pré-proposta para um projeto interdisciplinar e interinstitucional sobre “Natureza e Sociedade. Novos patamares de integração do conhecimento sobre o Patrimônio Ambiental no Brasil”, sob a coordenação do Professor Miguel Monné.

Encontram-se também envolvidos nesse projeto, como instituições associadas, o Depto. de Geografia do Instituto de Geociências, UFRJ; o Instituto de Biologia, UFRJ, o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico / MMA; o Museu de Ciências Naturais da Fundação

Zoobotânica do Rio Grande do Sul (MCNZ); o Museu de Zoologia, USP; o Museu do Folclore Edson Carneiro /MINC, o Departamento de Antropologia da UNB e o Museu Paraense Emilio Goeldi / MCT.

A apresentação dessa proposta corresponde a um antigo anseio do Museu Nacional de criar as condições institucionais para uma interação sistemática, reflexiva e intensa entre as ciências naturais e as ciências sociais que compõem o seu quadro disciplinar. Essa iniciativa se soma ao esforço ora despendido no projeto das futuras exposições do Museu, de que se espera justamente uma integração analítica inédita entre esses tipos de saberes – raramente interativos.

5. Projeto Revisão da Situação Institucional do Museu Nacional

Em novembro de 2000 foi constituída pela Secretaria de Ensino Superior do MEC uma Comissão para examinar as possibilidades de alteração da situação institucional do Museu Nacional, de modo a lhe garantir condições de reprodução à altura de sua tradição, patrimônio cultural e desempenho científico corrente. A Comissão tem trabalhado intensamente, examinando as condições locais, visitando outras instituições congêneres e discutindo com seus dirigentes os respectivos processos de renovação institucional, de modo a instruir comparativamente os rumos possíveis do Museu.

A comissão é presidida pelo Diretor do Museu e constituída pelos Professores Gilberto Velho, Maurício Arouca (Sub-Reitor de Finanças da UFRJ), Luis Roberto L. Curi (Diretor de Políticas de Educação do MEC), Otavio Elisio Alves de Brito (Secretário de Museus e Patrimônio do MINC) e Alice Abreu (Vice-Presidente do CNPq MCT). O Dr. Lucio Innecco, do Escritório Técnico-Científico para as futuras Exposições do Museu secretaria a Comissão.

6. Projeto Novas Exposições do Museu Nacional

O Museu organizou um Escritório Técnico-Científico para as Futuras Novas Exposições, que se encontra trabalhando junto à Comissão de Exposições da casa para elaborar o projeto conceitual e visual das futuras exposições permanentes do Museu.

O Escritório – coordenado pelo Professor Leandro Sales – se beneficia de uma alocação de bolsas DTI do CNPq e conta, para a sua instalação e manutenção, com uma parcela dos recursos alocados pelo MEC por iniciativa da Presidência da República para o Museu Nacional em fins de 1999.

As reuniões da Comissão de Exposições, presidida pelo Professor João Alves de Oliveira, têm tido lugar todas as segundas-feiras na Biblioteca, em regime de seminário permanente. As reuniões têm estado abertas a todos os membros da instituição que se disponham a colaborar mais diretamente com o fascinante processo de concepção das novas exposições.

O projeto decorrente do presente trabalho deverá compor o caderno de captação de recursos para a implantação dessa grandiosa frente de desenvolvimento da educação em ciência nacional.

7. Projeto Novos Cursos de Pós-Graduação

Pretende-se abrir um curso de pós-graduação em Arqueologia, em nível de mestrado e doutorado, em sistema colaborativo com o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. O MAE conta com uma pós-graduação consolidada, com um sólido núcleo de referência docente composto por 17 doutores (NRD-6). O Museu Nacional, contando com apenas quatro doutores na disciplina de Arqueologia, em vista da recente aposentadoria de três de seus docentes (um titular e dois adjuntos), não conta no momento com forças suficientes para implantar por si mesmo uma pós-graduação. Foi feito um acordo entre ambas as instituições para a extensão do curso da USP ao Museu Nacional, em sistema colaborativo (não se trata da modalidade interinstitucional - Minter) e no momento a proposta tramita internamente dentro da USP, com vistas à assinatura de um convênio entre o MN/UFRJ e o MAE/USP. Três dos doutores do MN já orientam ou co-orientam teses em nível de

doutorado, um deles, inclusive, no MAE/USP. Essa proposta vem sendo discutida junto à Diretoria de Avaliação e à Diretoria de Programas da CAPES e delas recebendo informalmente orientação.

Neste ano está-se dando início a um novo curso do Museu, de Especialização em Geologia do Quaternário. O Curso, ministrado no âmbito do Departamento de Geologia e Paleontologia, deverá absorver alunos da área de geologia, geografia, engenheiros, biólogos entre outros profissionais interessados na Geologia do Quaternário e importará, por ora, em 10 vagas. A consolidação de sua qualidade e regularidade é um dos objetivos institucionais mais importantes do atual horizonte do Museu, pela sua capacidade de aglutinação das competências locais em Geologia, Paleontologia, Zoologia, Botânica, Antropologia Biológica e Arqueologia.

8. Projeto Reserva Natural de Santa Lucia (ES)

O Museu Nacional é o usuário oficial de uma área de 156 hectares, no Município de Santa Teresa (Espírito Santo) formalmente pertencente à UFRJ. Essa área é vizinha de uma outra pertencente à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional e de uma terceira pertencente ao Museu de Biologia Prof. Mello-Leitão (MINC), configurando a futura Reserva Biológica de Santa Lúcia.

Desde 2000, vem o Museu se empenhando em regularizar os aspectos formais e práticos da ocupação daquela área, com a indicação de um Administrador geral (o Arquiteto Ricarte Gomes), de modo a poder formular, em seguida, um projeto de ocupação e utilização acadêmica e científica sistemática da reserva.

Também vem se acelerando o processo de revitalização da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, de modo a permitir a plena incorporação daquele patrimônio ao projeto geral.

O projeto acadêmico-científico deverá ser realizado em conjunto com o Museu Mello-Leitão e com o Instituto de Biologia da UFRJ.

4.4 - Museu Histórico Nacional

O conjunto arquitetônico que abriga o Museu Histórico Nacional ocupa uma área de 18 mil metros quadrados, cuja história acompanha e reflete a trajetória da cidade do Rio de Janeiro.

Por sua localização estratégica para a defesa da Baía de Guanabara e da própria cidade, a região onde se situa o Museu manteve sua vocação militar até o início do século XX. Das edificações da Fortaleza de Santiago (1603) e da prisão do Calabouço (1693), só restam as fundações, mas permanecem até hoje a Casa do Trem (1762), construída para guardar o trem - termo usado em Portugal para designar o conjunto de apetrechos bélicos -, o Arsenal de Guerra (1822) e o Quartel (1835).

Em 1922, no governo Epitácio Pessoa, o conjunto arquitetônico sofre grandes transformações, para sediar o Palácio das Grandes Indústrias da Exposição Internacional, parte das comemorações do Centenário da Independência. Em outubro desse mesmo ano, o Museu Histórico Nacional, inicia suas atividades, sob a direção de Gustavo Barroso e, no ano de 1945, passa a ocupar a totalidade desse importante espaço histórico da cidade.

Em mais de sete décadas de atividades, o Museu Histórico Nacional reuniu um acervo de cerca de 300 mil itens, entre peças históricas e artísticas, documentos manuscritos e iconográficos, mobiliário, porcelanas, pratarias, arte sacra, ourivesaria e marfins religiosos de origem indo-portuguesa, além de publicações e obras raras. De seu acervo se destaca a coleção de numismática, a maior do gênero existente na América Latina.

De carruagens e ambientações do Império a uma farmácia homeopática do século XIX, de pinturas históricas monumentais ao pitoresco Pátio dos Canhões, o Museu oferece um verdadeiro passeio no tempo.

O Museu Histórico Nacional mantém, em uma área de 3 mil metros quadrados, exposições permanentes, organizadas em módulos temáticos, contemplando diversas etapas da História do Brasil.

Em um desses módulos - "Expansão, Ordem e Defesa" - podem ser conhecidos a trajetória de nossa conquista territorial e o povoamento do sertão, por meio de obras de arte como o *Combate Naval do Riachuelo*, de Vitor Meireles, o ex-voto do século XVIII sobre a batalha dos Guararapes e as esculturas de Eduardo de Sá, *Juca Pirama e Caramuru*. Nessa exposição são mostradas ainda peças arqueológicas da área das Missões do Rio Grande do Sul, peças indígenas e marcos de posse.

O módulo é complementado e ampliado pela importante coleção de canhões portugueses, ingleses, franceses, holandeses e brasileiros, reunida no Pátio dos Canhões. Essa exposição permanente é adaptada para deficientes visuais, com legendas no sistema Braille.

A evolução da tecnologia e da noção de conforto pode ser observada na exposição "No tempo das Carruagens", onde são apresentados os meios de transporte terrestres e de tração humana e animal, com, cadeirinhas de arruar, serpentinas, traquitanas, coches e berlindas.

Nesse acervo, destaca-se a berlinda de aparato que pertenceu à Imperatriz Tereza Cristina.

"Colonização e Dependência" é o nome da exposição que aborda os vínculos coloniais e seus desdobramentos econômicos e culturais. Um grande painel do artista contemporâneo Clécio Penedo abre essa exposição e convida o visitante a conhecer uma história que se estende do século XV aos nossos dias.

São mostrados peças ligadas à navegação, ao comércio colonial, aos ciclos do açúcar, do ouro e do café, à presença da Corte portuguesa no Brasil e à imigração ocorrida na virada do século XIX. Ao final dessa exposição, o visitante chega à "Farmácia Homeopática Teixeira Novaes", uma reconstituição minuciosa da conhecida farmácia que funcionou de 1847 a 1983, na Rua Gonçalves Dias, no Centro do Rio de Janeiro.

O módulo "Memória do Estado Imperial" mostra o Brasil do tempo do império por meio de obras como O Baile da Ilha Fiscal, de Aurélio de Figueiredo e Melo, A Sessão do Conselho

de Estado, de Georgina de Albuquerque, e de objetos históricos como o trono de D.Pedro II, a caneta da Princesa Isabel, oferecida após a abolição da escravatura, e o malhete maçônico de Pedro I.

O Museu conta ainda com um Arquivo Histórico, que reúne cerca de 50 mil documentos, uma Biblioteca com, aproximadamente, 60 mil volumes e um programa de atendimento especial a pesquisadores da área de numismática. Diversos projetos de treinamento para professores de primeiro e segundo graus vêm sendo desenvolvidos, além de atividades especiais para a criança e seus familiares. Visitas programadas e outros eventos são organizados com a finalidade de transmitir um maior conhecimento sobre a história do país.

ARQUITETURA E HISTÓRIA

A partir do Forte de Santiago, na Ponta do Calabouço, a evolução do conjunto arquitetônico do Museu acompanhou a trajetória urbana da cidade do Rio de Janeiro. À fortificação inicial veio se juntar a Casa do Trem, destinada à guarda do "trem de artilharia", conjunto de apetrechos bélicos usados na defesa da cidade, e, mais tarde, o Arsenal de Guerra.

No início do século XX o Arsenal é transferido para a Ponta do Caju, abrindo o caminho para a adaptação do conjunto para suas novas funções : Pavilhão das Grandes Indústrias da "Exposição Internacional de 1922".

Por determinação do Presidente Epitácio Pessoa, o Pavilhão abrigou, em duas de suas salas, o núcleo inicial do Museu Histórico Nacional. Com o encerramento da Exposição, o Museu veio ocupando progressivamente toda a área.

ARQUITETURA E HISTÓRIA - FORTE DE SANTIAGO

Desde a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1565, a ponta mais tarde denominada do Calabouço, que avançava sobre o mar entre as praias da Piaçaba e de Santa Luzia, foi considerada estratégica para a defesa da Baia da Guanabara.

Em 1567, Mem de Sá iniciou a construção da Bateria de Santiago, ampliada em 1603 para se tornar Forte de Santiago, unidade importante do sistema de proteção da cidade do Rio de Janeiro.

A região passou a ser conhecida por esse nome quando, em 1693, o Forte veio a servir também como Calabouço, prisão destinada aos escravos faltosos.

Forte de Santiago

Planta da Cidade
João Massét
1713
E – Forte de Santiago (Detalhe)

(Primeira planta conhecida da cidade em escala correta)
Arquivo Ultramarino
Lisboa

Forte de Santiago
Ponta do Calabouço
Início Séc. XX

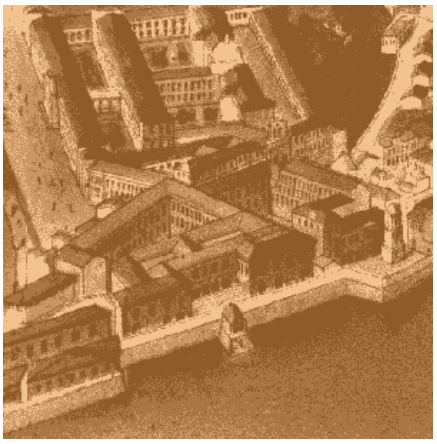
Forte de Santiago - No primeiro plano os restos da muralha, cujos vestígios até hoje podem ser observados junto ao acesso à biblioteca do Museu
(Pátio de Santiago)
Autor desconhecido - s/d - Museu da Imagem e do Som

ARQUITETURA E HISTÓRIA - CASA DO TREM

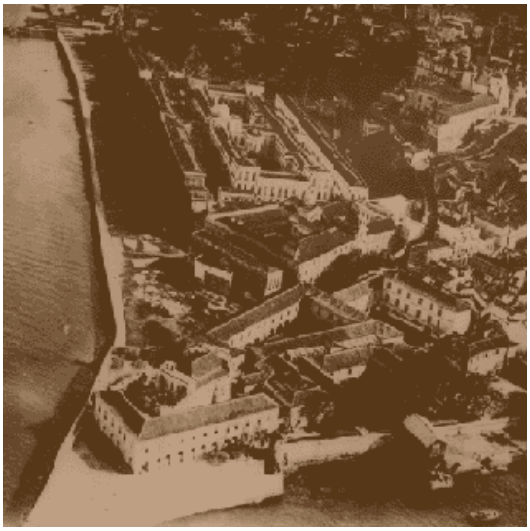
Em 1762, o Conde de Bobadela manda erigir a Casa do Trem, ao lado do Forte de Santiago, destinada à guarda dos armamentos (trem de artilharia) das novas tropas enviadas por Portugal para reforçar a defesa da cidade, ameaçada por corsários em busca do ouro vindo das Minas Gerais.

Com a elevação do Rio de janeiro à condição de capital do Estado do Brasil, foi construído, em 1764, junto à Casa do Trem, o Arsenal de Guerra, destinado ao reparo de armas e fabricação munições.

A chegada da família real, a Independência e o estabelecimento do Império transformaram o conjunto da casa do Trem e do Arsenal de Guerra num grande centro produção e guarda de armas e munições para o Exército Brasileiro.



Casa do Trem e Arsenal
"Panorama do Rio de Janeiro"
1873
Arsenal de Guerra e Casa do Trem
Ao fundo a Santa Casa de Misericórdia e a Ladeira da Misericórdia
Emílio Bauch
Museu Castro Maia



Casa do Trem e Arsenal

"Praia de Santa Luzia"
1918

Arsenal de Guerra e Casa do Trem
Vista de Hidroplano do conjunto antes do aterro

J. Kfuri
Biblioteca Nacional

ARQUITETURA E HISTÓRIA - EXPOSIÇÃO DE 1922

Nasce, em 1906, a "Cidade Maravilhosa", reurbanizada por Pereira Passos, aspirando ser a "Paris das Américas", projetada internacionalmente em 1889 com uma grande feira mundial. O Centenário da Independência inspirou a realização do evento, que elevou o Rio de Janeiro ao nível de uma metrópole de importância mundial

Mais de 3 milhões de pessoas circularam pelos pavilhões da feira, aberta em setembro de 22, pelo Presidente Epitácio Pessoa, e da qual participaram 14 nações e todos os estados brasileiros.

A Exposição do Centenário da Independência do Brasil estendeu-se até julho de 1923, transformando o Rio de Janeiro na mais fascinante cidade da América Latina, segundo os jornais da época.

Exposição de Julho/1922

Arsenal em reforma para abrigar o Palácio das Grandes Indústrias. Ao fundo o aterro da praia de Sta. Luzia, para construção da Av. das Nações

Augusto Malta
MIS

Exposição de 1922

Pátio interno do Pavilhão das Industrias, com a Torre do Salão de Chá ao fundo. Os elementos decorativos de inspiração neo-colonial e a cor rosa são desta época, tendo sido posteriormente retirados.

Augusto Malta
MIS

OBRAS DE RESTAURAÇÃO E MODERNIZAÇÃO

Foram iniciadas em dezembro de 2003 as obras da primeira fase do projeto de modernização do conjunto arquitetônico que abriga o Museu Histórico Nacional.

Resultado de um amplo debate sobre as perspectivas e aspirações do Museu Histórico Nacional nesse milênio que se inicia, o projeto de modernização, aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, prevê três fases de obras, que estão sendo patrocinadas pelo Ministério da Cultura.

Foram liberados R$ 1.980.000,00 para a primeira fase, já em andamento. (as exposições, a Biblioteca, o Arquivo Histórico e o Centro de Referência Luso Brasileira permanecerão abertos normalmente durante toda a obra).

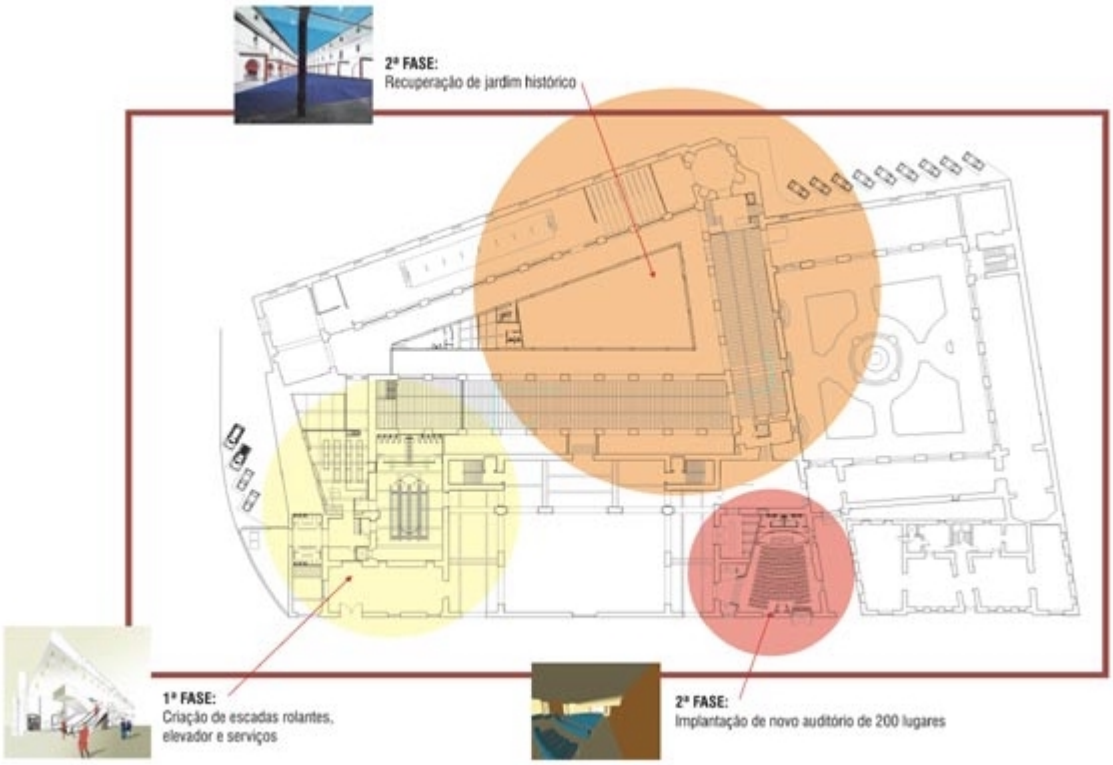
A primeira fase das obras inclui uma nova recepção, a instalação de escadas rolantes e elevador para portadores de deficiências e espaços para serviços externos e internos (construção de novo espaço para a reserva técnica de mobiliário, entrada de serviço, guarda volumes, cafeteria, sanitários públicos, lojinha, bilheteria, novos acessos para integrar o circuito de exposição permanente).

Essa fase estará concluída em agosto de 2004. Já no dia 9 de setembro, esse novo acesso será utilizado para a inauguração da exposição "Artes Tradicionais Portuguesas", promovida pela Fundação Gulbenkian.

Em 2005 será iniciada a segunda fase das obras, que prevê a descida de um jardim suspenso para o nível do térreo, visando resgatar a arquitetura original, melhorar a circulação das áreas de público e viabilizar a exposição da coleção de carruagens em sua totalidade.

A última fase das obras prevê a ampliação do Auditório Brasil-Canadá, para dobrar a capacidade de atendimento dos cursos e seminários promovidos pelo Museu.

Com o projeto de modernização em curso, o Museu Histórico Nacional segue a tendência mundial dos grandes museus de se adequarem às necessidades impostas pelo aumento do fluxo de visitantes e à valorização das instituições culturais nesse novo milênio.



BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.

BITTENCOURT, José N. et al. **O dilema dos museus.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

BO, João Batista Lanari. **Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados**. Brasília: UNESCO, 2003, p.5-33.

BRANDI, Cesare. **Teoría de la Restauración.** Madrid: Alianza Editorial, 1989.

CHENIAUX, Violeta. **LUZ – Subsídios Técnicos Para a Conservação Preventiva.** Rio de Janeiro: anais do Museu Histórico Nacional: volume 28, 1996.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.

COELHO, Olinio G. P. **Do patrimônio cultural.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1992.

CURY, Isabelle (org.) **Cartas Patrimoniais.** 2 ed. Rio de Janeiro: Minc./IPHAN, 2000.

DEL RIO, Vicente (org.). Arquitetura: Pesquisa & Projeto. Rio de Janeiro: Pro-Editores/PROARQ, 1998.

FITCH, James M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico**. São Paulo: FAUUSP,1981.

MENEZES, Ulpiano T. Bezzerra**. Os "usos culturais" da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fabri

SANTOS, Maurício O. (trad.) **Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries – Segurança de Museus.** São Paulo: Edusp: Vitae, 2003. – (Série Museologia: roteiros práticos; 4)

WAISMAN, Marina. **El patrimonio modesto – reconocimiento y reutilizacion**. In: Cuadernos Escala nº 20 - El Patrimonio Modesto. Bogotá, 1992.

ZEIN, Ruth Verde. **Patrimônio e identidade cultural: conceitos e debates**. In: Sala São Paulo. São Paulo, 2001. p.75-104.